

AS PROVAÇÕES DE
APOLO

RICK RIORDAN

AS PROVAÇÕES DE
APOLO

LIVRO UM
O ORÁCULO OCULTO

TRADUÇÃO DE REGIANE WINARSKI



Copyright © 2016 by Rick Riordan
Publicado mediante acordo com Nancy Galt Literary Agency e Sandra Bruna Agencia Literaria, SL.

TÍTULO ORIGINAL
The Hidden Oracle

PREPARAÇÃO
Marcela de Oliveira

REVISÃO
Milena Vargas
Juliana Werneck

ADAPTAÇÃO DE CAPA E DIAGRAMAÇÃO
Julio Moreira

ARTE DE CAPA
SJI Associates, Inc.

ILUSTRAÇÃO DE CAPA
© 2016 John Rocco

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

R452o

Riordan, Rick
O oráculo oculto / Rick Riordan ; tradução Regiane Winarski. - 1. ed. - Rio de Janeiro :
Intrínseca, 2016.
320 p. ; 23 cm. (As provações de Apolo ; 1)

Tradução de: The Hidden Oracle
ISBN 978-85-8057-928-4

1. Ficção infantojuvenil americana. I. Winarski, Regiane. II. Título. III. Série.

16-30675

CDD: 028.5

CDU: 087.5

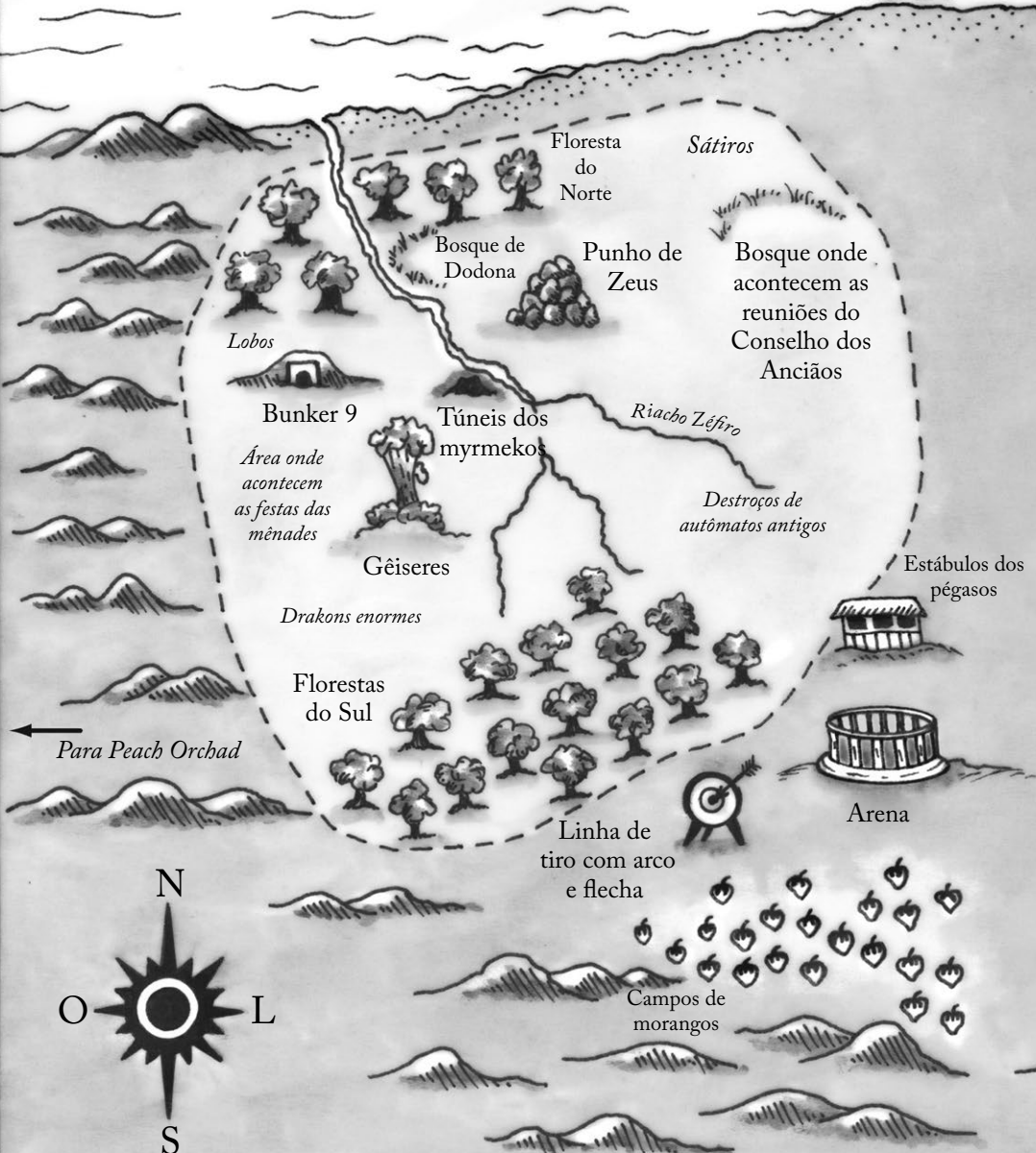
[2016]

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar
22451-041 – Gávea
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br

Para a Musa Calíope

Isto está mais do que atrasado. Por favor, não me machuque.

ACAMPAMENTO MEIO-SANGUE



K. LEFAIVER.

ESTREITO DE LONG ISLAND



1

*Muitos socos na cara
Queria dizimar todos
Ser mortal, que saco!*

MEU NOME É APOLO. Eu era um deus.

Em meus quatro mil seiscientos e doze anos fiz muitas coisas. Castiguei com uma praga os gregos que sitiaram Troia. Abençoei Babe Ruth com três *home runs* no quarto jogo da Série Mundial de 1926. Despejei minha ira contra Britney Spears no Video Music Awards de 2007.

Mas, em toda a minha vida imortal, eu nunca tinha feito um pouso forçado em uma caçamba de lixo.

Nem sei direito como aconteceu.

Só sei que quando acordei, estava caindo. Arranha-céus giravam, aparecendo e sumindo do meu campo de visão. Chamas saíam do meu corpo. Tentei voar. Tentei virar nuvem, me teletransportar para outro lugar, fazer milhares de outras coisas que deviam ser fáceis para mim, mas eu só continuei caindo. Despenquei em um espaço estreito entre dois prédios e *BAM!*

Existe coisa mais triste do que o som de um deus se espatifando contra um amontoado de sacos plásticos cheios de lixo?

Fiquei lá gemendo e sofrendo. Minhas narinas ardiavam com o fedor de mortadela estragada e fraldas usadas. Minhas costelas pareciam quebradas, embora isso não devesse ser possível.

Minha mente estava inquieta e confusa, mas uma lembrança veio à tona — a voz do meu pai, Zeus: *SUA CULPA. SUA PUNIÇÃO.*

Só então entendi o que aconteceu comigo. E chorei de desespero.

Se eu, que sou o deus da poesia, não fui capaz de descrever o que senti naquele momento, como vocês, meros mortais, poderiam entender? Imagine ter sua roupa arrancada e ser atingido por um jato de água na frente de uma multidão às gargalhadas. Imagine a água congelante enchendo sua boca e seus pulmões, machucando a pele, transformando suas juntas em uma massa amorfa. Imagine se sentir impotente, envergonhado, completamente vulnerável, despidido pública e brutalmente de tudo que faz você ser *você*. Minha humilhação foi pior do que isso.

SUA CULPA, ressoou a voz de Zeus em minha cabeça.

— Não! — gritei, desolado. — Não é verdade! Por favor!

Silêncio. Ao meu redor, escadas de incêndio enferrujadas ziguezagueavam fachada acima, cobertas pelo céu de inverno cinzento e impiedoso.

Tentei me lembrar dos detalhes da minha sentença. Meu pai chegou a dizer quanto tempo essa punição duraria? O que eu deveria fazer para cair novamente nas graças dele?

Minha memória estava um caos completo. Eu mal conseguia lembrar qual era a aparência de Zeus, muito menos por que ele decidiu me despejar na Terra. Houve uma guerra com os gigantes, algo assim. Os deuses foram pegos desprevenidos, foram humilhados e quase derrotados.

Mas de uma coisa eu tinha certeza: minha punição fora injusta. Zeus precisava botar a culpa em alguém, e claro que escolheria o deus mais bonito, talentoso e popular do Panteão: eu.

Fiquei deitado no lixo, observando a etiqueta do lado de dentro da caçamba: PARA COLETA, LIGUE PARA 1-555-FEDOR.

Zeus vai reconsiderar, eu disse a mim mesmo. *Ele só está tentando me dar um susto. A qualquer momento, vai me levar de volta para o Olimpo e me tirar daqui, não sem antes me dar uma lição de moral.*

— É... — Minha voz soou vazia e desesperada. — É, é isso.

Tentei me levantar. Queria estar de pé quando Zeus aparecesse para pedir desculpas. Minhas costelas latejavam. Meu estômago se contraiu. Segurei a beirada da caçamba e consegui me arrastar para fora. Acabei caindo em cima de um dos ombros, que bateu no asfalto com um estrondo.

— *Aaaaii*. — Choraminguei de dor. — Levante-se. Levante-se.

Ficar de pé não foi fácil. Minha cabeça estava girando. Eu quase desmaiei com o esforço. Olhei ao redor e vi que estava em um beco sem saída. Literalmente. A uns quinze metros, havia uma rua com vitrines sujas que abrigava o escritório de um agente de fianças e uma casa de penhores. Eu estava em alguma parte do oeste de Manhattan, supus, ou talvez em Crown Heights, no Brooklyn. Zeus devia mesmo estar com muita raiva de mim.

Inspecionei meu novo corpo. Eu aparentava ser um adolescente caucasiano do sexo masculino, usando tênis, calça jeans e uma camisa polo verde. Muito *sem graça*. Eu me sentia enjoado, fraco e tão, tão humano.

Nunca vou entender como vocês, mortais, toleram isso. Vocês passam a vida toda presos em um saco de carne, incapazes de apreciar os prazeres mais simples, como se transformar em um beija-flor ou se dissolver em pura luz.

E agora, que os céus me ajudem, eu era um de vocês, apenas mais um saco de carne no universo.

Remexi nos bolsos da calça, torcendo para ainda estar com a chave da minha carruagem do Sol. Nada. Encontrei uma carteira barata de náilon com cem dólares americanos (dinheiro para meu primeiro almoço como mortal, talvez) e uma carteira de motorista provisória do estado de Nova York com a foto de um adolescente pateta de cabelo encaracolado que de jeito nenhum podia ser eu, com o nome *Lester Papadopoulos*. A crueldade de Zeus não tinha limites!

Olhei dentro da caçamba, torcendo para que meu arco, minha aljava e minha lira tivessem caído na Terra comigo. Eu já ficaria feliz só com a minha gaita. Não havia nada.

Respirei fundo. *Ânimo*, eu disse a mim mesmo. *Devo ter mantido algumas das minhas habilidades divinas. As coisas podiam ser piores.*

Uma voz rouca gritou:

— Ei, Cade, dá uma olhada nesse otário!

Havia dois jovens bloqueando a saída do beco: um atarracado com cabelo louro platinado, e o outro, alto e ruivo. Os dois usavam moletons e calças largas. Para completar, tinham o pescoço coberto por tatuagens. Só faltava a palavra DELINQUENTE gravada em letras garrafais na testa de cada um.

O ruivo grudou o olhar na carteira que estava na minha mão.

— Pega leve, Mikey. O cara aqui parece bem simpático. — Ele sorriu e puxou uma faca de caça do cinto. — Na verdade, aposto que ele quer dar todo o dinheiro dele pra gente, não é?

Culpo minha desorientação pelo que aconteceu em seguida.

Eu sabia que minha imortalidade havia sido tirada de mim, mas ainda me considerava o poderoso Apolo! É impossível mudar o jeito de pensar com a facilidade com que se pode, digamos, virar um leopardo-das-neves.

Além do mais, em ocasiões anteriores em que Zeus me puniu me tornando mortal (sim, isso já aconteceu outras duas vezes), eu mantive minha força descomunal e pelo menos parte dos meus poderes divinos. Supus que desta vez também seria assim.

Eu *não* ia permitir que dois rufiões mortais levassem a carteira de Lester Papadopoulos.

Então, me empertiguei todo e torci para que Cade e Mikey ficassem intimidados diante de minha postura real e beleza divina (qualidades que jamais poderiam ser tiradas de mim, independentemente do que mostrava a foto na carteira de motorista). Ignorei o chorume quente proveniente da caçamba, que escorria pelo meu pescoço.

— Eu sou Apolo — anunciei. — Vocês, mortais, têm três escolhas: podem fazer uma homenagem a mim, fugir ou podem ser destruídos.

Eu queria que minhas palavras ecoassem pelo beco, sacudissem os prédios de Nova York e fizessem que os céus chovessem desgraça fumegante. Nada disso aconteceu. Quando pronunciei a palavra *destruídos*, minha voz falhou.

Cade, o garoto ruivo, abriu um sorriso ainda mais largo. Pensei em como seria divertido se eu conseguisse fazer as tatuagens de cobra ao redor do pescoço dele ganharem vida e estrangulá-lo até a morte.

— O que você acha, Mikey? — perguntou ele ao amigo. — Devemos homenagear esse cara?

Mikey fez cara feia. Com o cabelo louro arrepiado, os olhos pequenos e cruéis e o corpo atarracado, ele me lembrava a porca monstruosa que aterrorizou Calidão nos bons e velhos tempos.

— Não estou muito a fim de fazer homenagens hoje, Cade. — A voz dele parecia a de alguém que comeu cigarros acesos. — Quais eram as outras opções mesmo?

— Fugir? — disse Cade.

— Não — respondeu Mikey.

— Sermos destruídos?

Mikey riu com deboche.

— Que tal nós destruímos *ele*, então?

Cade jogou a faca para o alto e a segurou pelo cabo.

— Gostei dessa ideia. Vamos lá?

Enfiei a carteira no bolso de trás. Levantei os punhos. Não achei que seria legal massacrar mortais até virarem bolo de carne, mas tinha certeza de que isso não seria um problema para mim. Mesmo em meu estado enfraquecido, eu seria bem mais forte do que qualquer humano.

— Eu avisei — falei. — Meus poderes estão muito além da compreensão de vocês.

Mikey estalou os dedos.

— Aham.

Ele deu um pulo para a frente.

Quando estava bem perto, eu avancei. Coloquei toda a minha fúria naquele soco. Devia ter bastado para vaporizar Mikey e deixar uma marca em forma de delinquente no asfalto.

Mas ele se abaixou, o que foi bem irritante.

Eu cambaleei para a frente. Vamos combinar que quando Prometeu elaborou vocês, humanos, usando argila, fez um trabalho porco. As pernas mortais são desajeitadas. Tentei compensar e usar minhas reservas infinitas de agilidade, mas Mikey me deu um chute nas costas. Eu caí e bati meu rosto divino no chão.

Minhas narinas dilataram como se fossem air bags. Meus ouvidos estalaram. Um gosto de cobre inundou minha boca. Rolei para o lado, grunhindo, e vi os dois delinquentes embaçados olhando para mim.

— Mikey — disse Cade —, você está compreendendo o poder desse cara?

— Não — respondeu Mikey. — Não estou compreendendo.

— Tolos! — Gemi. — Vou destruir vocês!

— Ah, claro que vai. — Cade jogou a faca longe. — Mas acho que antes vamos acabar com você.

O garoto levantou a bota bem acima do meu rosto, e o mundo ficou preto.